



O livro perdido de Camões na ficção contemporânea

當代小說中出現了卡蒙斯的一部遺失著作

SECÇÃO: ARTIGOS

José Carlos Canoa

Docente no Instituto Português do Oriente, Macau, RAEM.

RC [Membro da Rede Camões na Ásia & África](#)

id orcid.org/0000-0001-6091-1293

✉ jose.canoa@ipor.org.mo

Recebido em: 14 out. 2025.

Aprovado em: 17 nov. 2025.

Publicado em: 15 dez. 2025.

Citação recomendada:

CANOA, José Carlos (2025) O livro perdido de Camões na ficção contemporânea, *Revista de Estudos Camonianos* 1, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 29-44. <https://camonianos.pt/numero-1-2025>. ISSN: 3134-7223.

Resumo: O artigo indaga sobre a perda de um manuscrito de Camões, o *Parnaso*, através das fontes históricas. E aborda a sua ficcionalização na literatura contemporânea, destacando o romance *O Arquivo das Confissões*, de Carlos Morais José. Os testemunhos de Diogo de Couto, registados nas versões sintética e completa da *Década 8.ª da Ásia*, revelam a amizade e a colaboração literária entre os dois escritores. Couto menciona a pobreza extrema de Camões durante a estadia na Ilha de Moçambique, onde o *Príncipe dos Poetas* aperfeiçoava *Os Lusíadas* e escrevia o *Parnaso*, demonstrando ter tido contacto direto com o manuscrito, que consistiria numa miscelânea de prosa e de verso, e não num cancioneiro poético como o título sugere. O livro desapareceu quando Camões partiu de Moçambique, durante a viagem ou já em Portugal. *O Arquivo das Confissões* explora a vida de Bernardo Vasques e a inveja que o levou a roubar o *Parnaso* quando ia para a Índia e encontrou Camões na Ilha de Moçambique. A confissão de Bernardo Vasques é o foco principal da narrativa, revelando a sua luta interior e as motivações por detrás deste crime. Morais José fundamentou-se em teorias sociológicas e filosóficas identificadas no final do seu livro. O alegado desaparecimento do *Parnaso* é um mistério que ainda hoje convida à reflexão. Através da ficção, este autor baseado em Macau propôs uma nova forma, menos académica, de pensar o destino de um dos livros perdidos mais fascinantes da literatura portuguesa.

Palavras-chave: *Parnaso*, Ilha de Moçambique, Diogo do Couto, ficção, usurpação de autoria.

總結: 呢篇文章用歷史來源去調查卡蒙斯嘅手稿《帕納索斯》嘅遺失。佢亦都處理咗佢嘅當代文學中嘅虛構化，突顯咗卡洛斯·莫賴斯·何塞嘅小說《告白檔案》。喺《Década 8 da Ásia》嘅合成同完整版本入面記錄咗迪奧哥·德·庫托嘅證言，透露咗兩位作家之間嘅友誼同文學合作。庫托提到卡蒙斯喺莫桑比克島逗留期間嘅極度貧窮，當時「詩人王子」喺莫桑比克島完善咗《Os Lusíadas》，並寫咗《帕納索斯》，證明佢同嗰份手稿有直接接觸，而呢份手稿本來係由散文同詩歌嘅雜文組成，而唔係正如標題所講嘅詩意歌集。當卡蒙斯離開莫桑比克嗰陣，無論係航行期間定係返咗葡萄牙之後，呢本書都消失咗。《告白檔案》探討咗伯納多·瓦斯科斯嘅生活，同埋當佢去印度旅行，喺莫桑比克島遇到卡蒙斯嘅時候，羨慕令佢偷走「帕納索斯」。伯納多·瓦斯科斯嘅表白係故事嘅主要焦點，揭示咗佢內心嘅掙扎同呢個罪行背後嘅動機。何塞·莫賴斯嘅作品係基於佢本書完成之後所確定嘅社會學同哲學理論。所謂嘅「帕納索斯」失蹤係一個仍然引起反思嘅謎團。透過呢本小說，呢位澳門嘅小說作家提出咗一種新嘅、唔太學術嘅方式去思考葡萄牙文學中其中一本最迷人嘅失落書籍嘅命運。

關鍵字: 《帕納索斯》，莫桑比克島，迪奧哥杜庫托，小說，奪取作者權。

Nota editorial: O título, resumo e palavras-chave são apresentados em português e em cantonês.

Editor: Rede Camões na Ásia & África.

Revisão: Todos os textos publicados na secção de artigos da *Revista de Estudos Camonianos* são revistos por dois revisores sob duplo anonimato.

Videoatas: Uma [versão em progresso deste artigo](#) foi apresentada a 6 de junho de 2025 no II Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Moçambique.



ACESSO LIVRE

Todos os materiais da *R.E.C.* são distribuídos em acesso aberto, segundo a licença CC BY-NC-ND (Atribuição-NãoComercial-SemDerivações) que permite baixar e partilhar os ficheiros, sem modificações e sem fins comerciais.



Também lá escrevo [...], em resposta doutra [carta] que vi sua, se lha não deram, saiba
que é culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.
Luís de Camões, *Desejei tanto uma vossa...*

Camões 1985:248

Não é só o rei jovem que desaparece nas areias de Alcácer-Quibir, tornando-se
reencarnação do Rei Artur, esperado em manhã de nevoeiro, é também o poema
imorredouro que sofre a dúvida sobre a sua plena autoria. Mário Cláudio faz, assim, de
Os Naufrágios de Camões uma revisitação do mito das conquistas.

Martins 2017:s/p

A efabulação da História

Bastou um único livro, desde sempre considerado uma obra-prima, para Luís de Camões conquistar o epíteto de *príncipe dos poetas*. Nunca foi encontrado o autógrafo final, de cerca de 1570-71, de *Os Lusíadas*, mas conhece-se a versão manuscrita do Canto I da epopeia no *Cancioneiro de Luís Franco Correia* (Correia 1557-1559) que revela variantes, provavelmente de uma fase anterior à *editio princeps* de 1572, onde constam oitavas *desprezadas e omitidas*.

Manuel de Faria e Sousa, nos seus notáveis comentários de 1639 (Sousa 1639), também refere ter encontrado dois manuscritos distintos contendo estâncias que são variantes das oitavas da versão impressa d' *Os Lusíadas*, ou que dela foram excluídas (Ferro 2015). Algo semelhante terá acontecido por ação da censura vigente na época (Saavedra 2025:44), mas nesse caso será mais adequado falar de mutilação por mãos alheias e não de aperfeiçoamento textual pelo seu autor.

Portanto, as oitavas *desprezadas e omitidas* de *Os Lusíadas* referem-se a partes do poema que foram suprimidas ou deixadas de fora logo na edição inicial da obra. E essas omissões ocorreram, pois, durante o processo de elaboração dos textos, por decisão do seu criador (com eventual autocensura), mas também por motivos editoriais e censórios.

Todavia, não é desse manuscrito (ou desses manuscritos), nem da sua impressão em livro, que tratamos hoje. Essa história está bem contada e dramatizada em dois livros contemporâneos: na peça de teatro de José Saramago editada em 1980, assinalando o 4.º aniversário da publicação da epopeia camoniana, *Que farei com este livro?* (Saramago 1980), e, mais recentemente na biografia romanceada da autoria de João Morgado, em *O livro do Império* (Morgado 2018).

Para além das oitavas *desprezadas e omitidas*, das éclogas usurpadas — as cinco éclogas atribuídas a Diogo Bernardes, inclusas em *O Lima* (Bernardes 1596), cuja autoria do furto foi atribuída ao poeta Diogo Bernardes por Faria e Sousa, ou, pelo contrário, dos poemas que foram erroneamente atribuídos a Camões ao longo dos tempos, muito se tem especulado sobre o desaparecimento de um livro intitulado *Parnaso de Luiz de Camões*. Um manuscrito, em gestação durante a estadia do Poeta na Ilha de Moçambique, aquando do seu regresso à pátria (Camões 1568-1569).

Essa danosa perda no cânone da obra camoniana teve receção ficcional, por exemplo, em Maria Coriel, com *O livro perdido de Camões*, um *romance espiritual* (segundo o subtítulo da obra) publicado em 2008, que procura visitar o Poeta sob uma ótica mais pessoal e subjetiva (Coriel 2008).

Em 2016, Mário Cláudio proporciona-nos uma engenhosa trama em *Os naufrágios de Camões* (Cláudio 2016). O seu romance cruza a sua proposta ficcional com especulação histórica e metanarrativa para reconfigurar os últimos anos de vida de Luís de Camões, na rota já anunciada por Saramago e depois também trilhada por João Morgado. A fusão entre realidade e ficção ou, se se preferir, entre verdade e efabulação (ecoa aqui o título do ensaio de Aquilino Ribeiro reeditado em

2024) encontra-se na tese insólita da personagem Timothy Rassmunsen, um excêntrico investigador, provavelmente um *alter ego* do próprio Mário Cláudio. Timothy defende que Camões não teria sobrevivido ao naufrágio no delta do Mekong e que, por conseguinte, o verdadeiro autor de *Os Lusíadas* seria Bartolomeu de Castro, capitão da nau onde Camões viajava. Segundo o mesmo Timothy, Bartolomeu teria assumido a identidade do poeta e dado continuidade à sua epopeia, apoiando-se em supostos escritos do explorador britânico Richard Burton, que também foi, veridicamente, um dos tradutores de *Os Lusíadas* para inglês em 1880, e na narrativa de Mário Cláudio esta personagem passa a protagonizar delírios mediúnicos, encarnando Camões e dialogando com o fantasma de Bartolomeu de Castro.

Estamos simultaneamente perante um caso de usurpação de identidade e de furto da autoria de uma obra, contexto que nos permite questionar a autoria e autenticidade das (grandes) obras literárias ou da Arte em geral, uma questão fundamental na abordagem crítica da obra camoniana desde sempre.

Todavia, não serão ainda estes dois romances, *O livro perdido de Camões* de Maria Coriel e *Os naufrágios de Camões* de Mário Cláudio, que iremos tratar. Antes um único romance, *O Arquivo das Confissões: Bernardo Vasques e a Inveja*, da autoria de Carlos Morais José e lançado em Lisboa e Macau em 2016 (José 2016), reeditado dois anos depois, e traduzido para a língua inglesa por David Brookshaw em 2019 (José 2019).

Neste livro está igualmente presente o tema da usurpação da identidade/autoria, ligado a outro tema central que é o da inveja, tratado ficcionalmente, mas com profundos fundamentos sociológicos e filosóficos, cuja influência é explicitamente agradecida no final da obra, no caso de Helmut Schoeck, *Envy: A theory of social behaviour* (Schoeck 2010) e, implicitamente, no de René Girard, *Shakespeare: les feux de l'envie* (Girard 1990), como veremos.

E, citando o autor do *Arquivo das Confissões* na divulgação da sua obra nas redes sociais: será este *O livro que, finalmente, desvenda o maior mistério da literatura portuguesa: o que aconteceu ao 'Parnaso', de Luís de Camões?* (José 2024:s/p).

Bernardo Vasques e a inveja

*Quem louvará Camões que ele não seja?
Quem não vê que cansa em vão engenho e arte,
Ele se louva a si só, em toda a parte,
E toda parte, ele só enche de inveja.*

Diogo Bernardes, em louvor de Luís de Camões,
Camões 1595

Bernardo, Bernardes – podemos associar os dois nomes... e ambos falam ou sentem inveja... do poeta Camões, também eles poetas.

E o que este soneto significa é que o melhor louvor a Camões é a sua própria criação poética, sublime e admirada, pois a imitação dos seus versos é um elogio por outro poeta, escrever como Camões é ser Camões, é invejá-lo (Ferreira 2021).

Por agora, limitar-nos-emos a uma breve sinopse do romance, socorrendo-nos de Luís Almeida d'Eça, que propôs a sua leitura na *Agenda Cultural de Lisboa*, em 5 de fev. 2019:

Os jesuítas de Macau terão criado no século XVI um secreto Arquivo das Confissões para melhor estudarem os meandros das almas dos crentes e, desse modo, adquirirem uma compreensão mais vasta da natureza humana. Para entenderem o que terá levado esses homens a cometer tão grande pecado e arriscar penas eternas.

O livro gira em volta da leitura de um desses documentos que narra a história do homem que, devorado pela inveja, roubou na Ilha de Moçambique um livro de versos ao maior poeta português da sua época.

Absorvido pela obra e pelo crime, empreende uma estranha viagem pelos confins da Ásia, que o levará, de infâmia em infâmia, até aos pés de um confessor, na Igreja da Madre de Deus, em Macau, onde procura a absolvição e o esquecimento.

Inspirada no roubo de *Parnaso*, manuscrito do poeta Luís de Camões que desapareceu na Ilha de Moçambique, esta obra tece uma admirável reflexão em torno do sentimento da inveja — *a paixão retorcida, deusa esverdeada, aguilhão da História* — e dos seus efeitos devastadores (Eça 2019:57).

Como veremos, entre outros aspetos, não se trata nem de um livro de versos, nem este teria sido roubado na Ilha de Moçambique. O que nos dizem os documentos históricos sobre a natureza deste livro e o seu desaparecimento, na sequência do encontro de Luís de Camões e Diogo do Couto na Ilha de Moçambique?

A Década 8.^a da Ásia

Maria Augusta Lima Cruz publicou o artigo «Na rota da 'Carreira da Índia': Camões e Couto na Ilha de Moçambique» (Cruz 2024a), que completa um outro saído pela mesma altura, da autoria de Eduardo Ribeiro, intitulado «Camões e Couto, o encontro histórico na torna-viagem para o reino» (Ribeiro 2025).

Segundo a principal investigadora da *Década da Ásia VIII* de Diogo Couto, para comprovar não a estadia de Camões na Ilha de Moçambique, atualmente um facto inquestionável, mas antes o encontro do Poeta e Couto na ilha de Moçambique, temos *três fontes escritas e todas tendo por base, em última instância, o testemunho do próprio Couto*, e que são:

- I. a versão resumida da *Década Oitava da Ásia* da autoria de Diogo do Couto;
- II. uma outra versão desta *Década*, só descoberta no séc. XX e que, para facilitar, designaremos por versão Porto/Madrid, pois as duas cópias manuscritas conhecidas foram encontradas, uma na Biblioteca Pública Municipal do Porto (ms. 839) e outra na Biblioteca Nacional de Espanha (ms. 2980);
- III. e, por último, as biografias de Camões e de Couto elaboradas por Manuel Severim de Faria e publicadas na sua obra *Discursos Vários Políticos* (Faria 1624b:88-135; Faria 1624a:148-157), nas quais veicula informações colhidas junto de Couto ou junto de interlocutores deste no Reino. (Cruz 2024a:31).

Segundo Lima Cruz, foi Manuel Severim de Faria (1583-1655), *o autor que validou e divulgou, pela primeira vez em letra de forma, a informação relativa ao encontro de Camões e Couto na ilha de Moçambique*. Couto terá sido *um dos seus primeiros correspondentes na Ásia*, desde os inícios do séc. XVII, por iniciativa de Severim de Faria, que admirava o autor das *Décadas da Ásia*, (Faria 1624a:148r, *apud* Cruz 2024a:31), e esta amizade literária ter-se-á *mantido até à morte do cronista ocorrida em 1616*. Para além de Severim de Faria revelar na sua biografia de Diogo do Couto *um conhecimento adquirido através do canal pessoal de diálogo estabelecido entre ambos*, também na sua biblioteca se encontravam *manuscritos originais e autógrafos* das suas obras, incluindo o *do 'Soldado Prático' e de algumas das 'Décadas da Ásia', entre os quais um manuscrito com a versão resumida da Década Oitava* (Cruz 2024).

Esquema comparativo, baseado na informação de Cruz 2024a:

DÉCADA VIII DA ÁSIA

VERSÃO SINTÉTICA	VERSÃO EXTENSA
• Escrita em 1616. • Versão impressa em 1673. • Reedições: Lisboa, 1736. • Lisboa, 1786 [fac-simile, Livr. Sam Carlos, 1974]. • Onze testemunhos manuscritos, <i>na sua maioria cópias do séc. XVII e em volume duplo com o resumo da 'Década Nona.'</i> O códice duplo localizado no ANTT, Manuscritos da Livraria, n.º 613, é <i>um original, parcialmente autógrafo</i> (Cruz 2024:32). • Registo biográfico de Camões no cap. 28 <i>com informação mais sucinta.</i>	• Versões manuscritas: Códices Porto/Madrid: • Ms. 839, Biblioteca P. M. Porto. • Ms. 2980, B. N. Espanha. • Versão impressa, 1993-94: • <i>Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia</i>, ed. Maria Augusta Lima Cruz, 2 vols., Lisboa: INCM / CNPCDP. • Registo biográfico de Camões no cap. 9, do livro V, <i>mais extenso e pormenorizado.</i>

Os dois testemunhos de Diogo do Couto, constituídos pelas duas versões da *Década Oitava da Ásia*, apresentam uma história *atribulada* que já foi contada ao pormenor por Lima Cruz no artigo citado, e que contém desaparecimentos e achamentos de manuscritos. Sinteticamente — como se constata no esquema apresentado *supra*, ambas as versões foram publicadas postumamente; a versão sintética, embora redigida em 1616 (ano da morte de Couto), foi publicada apenas em 1673, com novas publicações em 1736 e 1786. Desta versão conhecem-se ainda cerca de 11 lições manuscritas, *na sua maioria cópias do séc. XVII e em volume duplo com o resumo da 'Década Nona.'*

Afortunadamente, um desses manuscritos — esclarece-nos Lima Cruz — é um códice *original, parcialmente autógrafo* e duplo, pois contém a versão sintética das *Décadas Oitava e Nona*, e é ainda acompanhado de uma epístola dirigida ao rei, datada de 28 de janeiro de 1616 (ANTT, em Lisboa: *Manuscritos da Livraria*, nº 613.). Nessa carta, é o próprio autor das *Décadas* que nos

explica a razão da elaboração dos dois resumos das referidas *Décadas*. Segundo ele, tinha concluído as versões extensas, em dois volumes, prontas para enviar para o Reino na armada que zarparia de Goa em finais de 1514 (*sic*) / inícios de 1515 (*sic*), quando lhe foram roubadas, durante grave doença que padeceu (Cruz 2024a:32).

Apesar de idoso e doente (Couto morreria a 10 de dezembro desse ano, com 74 anos), conseguira *arranjar forças para recopilá-las, 'a modo de epílogo', com base em 'fragmentos', 'lembranças' e 'memória das coisas que vi', lançando-as em volume duplo* (Cruz 2024:32).

Cerca de 10 anos depois, os herdeiros de Couto encontraram uma versão manuscrita e mais completa da *Década Oitava* que terão copiado e a qual foi enviada de Goa para Portugal pelo vice-rei de então, D. Francisco da Gama. Outros dois manuscritos, igualmente mais extensos, foram encontrados no séc. XX, contendo uma versão textual *em muitos aspetos diferente da sintética* e impressa (Cruz 2024:32). Esta versão é convencionalmente designada como *códices Porto/Madrid*, por aí terem sido encontrados os textos, que nós designaremos simplesmente por *versão extensa*.

Portanto, dispomos também destas fontes escritas para testemunhar o encontro de Camões e Couto na ilha de Moçambique, neste caso o testemunho é o de Couto. Mas a questão foi controversa.

Quando João Grave divulgou em 1917 a existência do códice manuscrito conservado na Biblioteca Pública Municipal do Porto (Grave 1918:1041-1048), e muitos anos depois, em 1971, António Coimbra Martins divulgou a existência de outro códice, idêntico ao do Porto, na Biblioteca Nacional de Espanha (Martins 1971) em qualquer dos casos a fenomenal revelação *gerou enorme polémica entre os camonistas* (Cruz 2024:33). O essencial da contestação da credibilidade dos testemunhos centrava-se no registo biográfico de Camões, onde o encontro com o cronista da Ásia é visivelmente valorizado, pois na versão extensa (no cap. 9 do livro V) encontramos uma narrativa mais desenvolvida e pormenorizada do que a breve nota biográfica contida na versão sintética (cap. 28) e que foi lida impressa durante séculos de receção camoniana.

Em 1994, Lima Cruz publicou o seu estudo crítico e comentado da versão extensa, *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*. São dois volumes em que a investigadora reuniu todo um conjunto de evidências que *contrariam, obviamente, a tese de uma falsificação, e apontam para um texto da lavra de Couto* (Cruz 2024:35). Com efeito, a sua *edição crítica*, *da lição dos códices Porto/Madrid, acompanhada de um estudo comparativo dessa lição com a da versão sintética* baseia-se em *variantes substantivas, nas diferentes estruturações da narrativa, nas marcas da escrita coutiana*, tendo sido possível também *apurar que a génese da versão Porto/Madrid se situa em 1601, logo após o envio para Portugal da primeira versão da 'Década Sétima'* (Cruz 2024:34), ou seja: uma composição anterior à da versão sintética, *para cuja montagem teria recorrido sobretudo a fontes escritas previamente selecionadas* (Cruz 2024a:34). A autora ressalva, todavia, que, sendo os códices Porto/Madrid *cópias e, para mais, cópias do séc. XVII, nada nos garante que eles não tivessem sofrido intervenções alheias, dúvida que necessariamente não poupa o passo sobre Camões* (Cruz 2024a:35).

Dois poetas na Ilha de Moçambique: e livros escritos, aperfeiçoados, comentados, queimados, perdidos

É graças ao testemunho do próprio Diogo do Couto, pois, que sabemos *da existência de uma relação de amizade e de colaboração literária entre ambos* (Cruz 2024:26). *Irmãos em armas e nas letras* (Boxer 1972), Camões e Couto tiveram uma experiência comum da Índia e, na torna-viagem para Portugal, na rota da carreira da Índia, encontraram-se na Ilha de Moçambique.

O contexto da partida de ambos de Lisboa para o Oriente, em tempos diferentes (note-se que Camões é 18 anos mais velho); a sua partida de Goa/Cochim para Portugal; as circunstâncias da sua chegada e estadia na Ilha de Moçambique (cf. Cruz 2024a:27-28); a sua partida para o Reino — esse contexto é conhecido. De igual modo, *com base em alguns dos paralelismos, cruzamentos e complementaridades que ligaram as suas vidas e obras* tem sido possível associar Camões e Couto.

Não esquecendo que o nosso propósito é procurar saber mais sobre *o livro perdido de Camões*, o que nos dizem os testemunhos de Diogo Couto (a versão sintética e a versão extensa) acerca do seu encontro na ilha moçambicana?

Versão sintética:

Em Moçambique achámos aquelle Principe dos Poetas de seu tempo, meu matalote, e amigo Luiz de Camões, tão pobre, que comia de amigos, e pera se embarcar pera o Reyno lhe ajuntámos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe dêsse de comer, e aquelle inverno que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* pera as imprimir e, foi escrevendo muito em hum livro que hia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões*, livro de muita erudição, doutrina, e filosofia, o qual lhe furtaram, e nunca pude saber no Reyno delle, por muito que o inquiri, e foi furto notavel: e em Portugal morreo este excellent Poeta em pura pobreza.

Década VIII sintética, cap. 28, 233 em Cruz 1994

Resumo:

No cap. 28 da *versão sintética*, Couto...

1. trata Camões como "Príncipe dos Poetas do seu tempo" (portanto, um escritor já glorificado) e "meu matalote e amigo Luís de Camões" (revelando proximidade de relações: camaradagem e amizade);
2. noticia que o vate se encontrava em tal estado de pobreza *que comia de amigos*;
3. por conseguinte, diz terem sido os amigos (Couto incluído) a lhe dar a roupa e a comida necessária para a sua viagem de regresso ao Reino (não se refere nesta versão outro tipo de custos);
4. informa também que, durante o período em que a armada onde viajava Couto invernou em Moçambique, Camões *acabou de aperfeiçoar as suas Lusíadas para as imprimir* (portanto, a epopeia estaria concluída e quase pronta para imprimir);
5. informa que estava também ocupado com a escrita do livro intitulado *Parnaso de Luís de Camões*;
6. admira o seu ritmo de trabalho literário (*foi escrevendo muito*) em decurso (*que ia fazendo*);
7. admira ainda a qualidade do *Parnaso*, um *livro de muita erudição, doutrina e filosofia*;
8. informa que o livro lhe foi roubado (depreende-se que já no Reino, pois é lá que o mandou procurar, embora tal não seja claro);
9. lamenta o seu próprio insucesso na busca do manuscrito (*por muito que o inquiri*);
10. considera que *foi furto notável*, ou seja: extraordinário? Espantoso?
11. finalmente, informa que o *excelente Poeta* acabaria por morrer em Portugal e em *pura pobreza*.

Notamos, pois, que no seu testemunho Couto confere uma atenção especial à condição de *poeta* e à *obra* de Camões, que este trabalha em simultâneo em dois livros, e que o seu infortúnio tanto é na vida (carência) como na obra (perda de um livro).

Versão extensa:

Aqui em Moçambique achamos aquelle principe dos poetas dos nossos tempos Luis de Camões de quem fui especial amigo, e contemporaneos nos estudos em Portugal, e na India matalotes muitos tempos de casa e meza[,] o qual tinha ido aquella fortaleza em companhia de Pero Barreto Rolim quando foi entrar naquella capitania, porque desejou elle de lhe fazer bem, e o por em estado de se poder ir pera o Reyno por estar muito pobre porque da viagem que fez à China por provedor dos defuntos que lhe o governador Francisco Barretto deu, vindo de là se foi perder na costa de Sião, onde se salvarão todos despidos e o Camões por dita escapou com as suas Luziadas como elle diz nellas, e aly se lhe afogou hũa moça china que trazia muito fremosa com que vinha embarcado, e muito obrigado, e em terra fez sonetos à sua morte, em que entrou aquelle que diz:[]

*Alma minha gentil que te partiste
tam cedo desta vida descontente
repousa tu no Ceo eternamente
e viva eu qua na terra sempre triste*

A esta chama elle e[m] suas obras Dina mente (sic), aly fez tambem aquella grave, e docta canção que começa:[]

*Sobre os Rios que vão
por Babilonia me achei,
aly asentado chorey*

*alembrando-me Sião,
e quanto nelle passei*

O que tudo anda impresso no livro de seus sonetos. Mas como este homem teve sempre estrela de poeta, que he serem todos pobres, e hũa natureza terrível e emfim pouca ventura, veo por sua condição a quebrar com elle o Pero Barretto, e a deita-lo de si; pello que ficou em estado de viver d'esmolos dalgũas pessoas; e sabendo estarmos na Barra de Moçambique me mandou este soneto que trago aqui pera testemunha do miseravel estado em que estava!]

Lição do ms. do Porto

*Amado Coutol,] o largo e poderoso
Ceol,] por quem todo o mundo he governadol,]
agora hum golpe tem descarregadol,]
dipois de mil e muy bem dispiadoso.*

*A fortaleza e braço tão forçoso,]
a quem o sabio peito està obrigadol,]
ja agora jaz por terra espedaçadol,]
que não se teve o golpe tão furioso,]*

*Guarde-vos Deos de virdes a sofrer
tamanho mal quel,] posto que altamente,]
qual a palma co pezo mais se exalta,]*

*Tão duro este golpe he de poder ter
que no mais fortel,] estroico e sapiente
de conselho e d'esforço farà falta.*

Lição do ms. de Madrid

Soneto / De Luis de camois, a Diogo do Couto

*Amado Couto, o largo e poderoso
Ceol,] por quem todo o mundo he governadol,]
agora hum golpe tem descarregadol,]
despois de mil e muy bem despiadoso.*

*A fortaleza, e braço tão forçoso,]
a quem o sabio peito esta obrigadol,]
ja agora jaz por terra espedaçadol,]
que não se teve o golpe tão furioso.*

*Guarde-vos Deos de virdes a sofrer
tamanho mal, que posto que altamente,]
qual a palma com pezo mais se exalta,]*

*Tão duro este golpe he de poder ter
que no mais forte, estroico, e sapiente
de conselho, e d'esforço fara falta.*

Este Inverno reformou o Camões suas Luziadas e me pedio lhas comentassel,] o que eu comecei a fazer, e tendo quatro cantos findos que me embeberão mais de sinco mãos de papel, por ser o comento muito copioso,] porque pera se fazer bem era necessario de clarar tudo o que Vasco da Gama contou ao Rey de Melinde da origem de Portugal, e de seus Reys e tudo o que aquella Ninfa lhe mostrou na ilha de Santa Helena, dos visorreys que avião de governar a India, e todos os seus feitos; mas atalhou-me isto mandar-me Sua Magestade que escrevesse a *Historia da India*,] e se aquelles feitos daquelles Viso-Reys os não relatei no comento, o fiz mais largamente em nove Decadas da Historia da India que tenho compostas,] de que andão ja sinco ou seis impressas. E os cantos que tinham comentados cessarão, e os lancei em carveiro.

Neste Inverno começou Luis de Camões a compor / hum Livro muito Docto,] de muita Herudição, que intitidou Paranosso (sic) de Luis de Camois,] porque continha muita poesia, Filosofia, e outras ciencias, o qual lhe desapareceo, e nunca pude em Portugal saber delle.

Deixei-o no Reyno pobre e sem remedio e estadol,] que quando morreo, o enterrou a Confraria dos Cortesãos, e o depositarão à porta do Mosteiro de Santa Anna,] da banda de fora chãmente. E porque em todo o tempo ouve mecenas que favorecerão as letras,] não faltou ao Camois,] porque depois Dom [Gonçalo Coutinho] [,] por sua fidalguia, e pello que devia à ciência,] lhe mandou por hũa campa sobre sua cova com o letreiro que declarava,

quem era, e as obras, que compos. Là no Reyno correo a mesma fortuna que na Índia; e não he de espantar que quem naceo pera triste,[já] não pode ser contente.

Década VIII extensa, livro V, cap. 9, 469-473

Resumo:

No capítulo 9 do livro V da versão extensa, Couto... (seremos aqui mais sintéticos, destacando os aspetos que nos importam):

1. amplia e reforça a relação de amizade que os une (*de quem fui especial amigo*), mencionando o tempo de aprendizagem no Reino (foram *contemporâneos nos estudos em Portugal*) e o período de serviço como soldados na Índia onde foram *matalotes* (camaradas) *de casa e mesa*;
2. transcreve integralmente o soneto que Camões lhe dedica, *Amado Couto, o largo e poderoso*, assim que soube da chegada do amigo nas naus que fundearam na barra de Moçambique. No soneto expõe o indigno estado em que se encontrava, esperando e advertindo para que o amigo não venha *a sofrer tamanho mal*;
3. descreve as razões da sua passagem e estadia em Moçambique: a *condição de pobreza em que Camões chegou à Índia levou Pêro Barreto Rolim, nomeado capitão da fortaleza da ilha de Moçambique, a levá-lo consigo, para o 'pôr em estado de se poder ir para o Reino.'* Mas a sua *estrela de poeta, 'que é serem todos pobres e uma natureza terribil e, enfim, pouca ventura', levou o seu protetor a zangar-se com ele, deixando-o a viver das esmolas de algumas pessoas*;
4. refere momentos anteriores da vida do Poeta: numa *viagem à China como provedor dos defuntos*, Camões naufragou na costa do Sião; conseguiu escapar com outros náufragos e salvar *as suas Lusíadas, como ele diz nelas*. No acidente pereceu uma moça china, à qual chamou nas suas obras Dinamene. No Sião, além de vários sonetos sobre a morte desta jovem, entre os quais o célebre 'Alma minha gentil que te partiste' [*transcreve o 1º quarteto*], compôs também *aquela grave e docta canção* começada pelo verso *Sobre os rios que vão* [*transcreve a 1ª quintilha*], informando, por fim, que *tudo anda impresso no livro dos seus sonetos*;
5. em vez de *aperfeiçoar*, Couto usa aqui o verbo *reformat* para descrever a alteração que Camões implementou na sua epopeia;
6. diz ainda que Camões lhe pediu para comentar *Os Lusíadas*, projeto a que se terá dedicado imediatamente, vindo a redigir o comentário de quatro Cantos. Interrompeu a tarefa por lhe ter mandado *Sua Majestade que escrevesse a 'História da Índia'*. Afirmar ter lançado ao fogo os cantos comentados (*e os lancei em carveiro*);
7. depois de informar sobre o aperfeiçoamento da epopeia, por parte de Camões, e dos comentários da mesma, por si — Couto, informa que o Poeta começou... *a compor um livro* (em vez de *foi escrevendo*, encontramos *começou*);
8. menciona o título do livro, mais breve nesta versão: *Parnaso* (em vez de *parnasos de Luís de Camões*);
9. a obra é agora valorada como: *um livro muito douto* [= de "doutrina"], *de muita erudição*, que continha *poesia, filosofia, e outras ciências* (*poesia e outras ciências* não constam na versão sintética);

10. informa que o livro *lhe desapareceu* (suavizado ou mais vago em relação a *roubado*); (depreende-se que desapareceu já no Reino, embora tal não seja claro);
11. informa ainda que nunca mais conseguiu saber desse livro em Portugal;
12. ao partir de novo para a Índia, o amigo Couto deixou no Reino um Poeta *pobre e sem remédio e estado* que seria enterrado em campa rasa no exterior do Mosteiro de Santa Ana, até o seu protetor e mecenas, D. Gonçalo Coutinho, lhe mandar colocar uma campa, com lápide identificando-o condignamente como Poeta.

Que livro é este, o *Parnaso* ou *Parnaso de Luís de Camões*? Que tipo de textos ou de assuntos conteria? Partindo dos aspetos enumerados nos testemunhos de Diogo de Couto será mais rigorosa a sua descrição, no entanto, socorrer-nos-emos da abordagem de alguns camonistas para ilustrar as questões que têm sido colocadas.

'O Parnaso de Luís de Camões', uma busca do cânone perdido?

Em primeiro lugar, o *Parnaso* é um manuscrito autógrafo da autoria de Luís de Camões. Está desaparecido desde 1569. A única referência de um contemporâneo a esse manuscrito foi escrita 47 anos depois do seu desaparecimento e está na *Década 8.ª da Ásia*. Para Diogo do Couto conseguir descrever o assunto do texto do modo como o faz é porque, segundo o escritor e ensaísta Aquilino Ribeiro, *de algum modo chegou a esse conhecimento, quer lendo-o, quer ouvindo-o ler, ou folheando-o pelo menos. Podia tê-lo ouvido dizer ao próprio autor, o mais lógico, no entanto é que o averiguasse por seus olhos* (Ribeiro 2024:252).

Na versão extensa da *Década VIII*, Diogo do Couto também cita poemas ('Alma minha gentil que te partiste' e as redondilhas 'Sôbolos rios que vão') da edição impressa das *Rimas*, referindo-se-lhe como o *livro de seus sonetos*. Comentador do manuscrito de *Os Lusíadas* e leitor do manuscrito do *Parnaso*, é também editor de um soneto inédito, que lhe é dedicado pelo Poeta, e leitor das *Rimas* impressas do seu *especial amigo* Camões, *príncipe dos poetas do seu tempo e dos nossos tempos*.

Todavia, ao contrário do que muitos desejariam, nada nos leva a supor que se trata do *lendário manuscrito autógrafo da lírica camoniana, nunca encontrado, e almejado, por gerações de camonistas* (Hue 2011:860). Embora o título possa sugerir uma compilação poética, tal como o perspetivaram Teófilo Braga e Carolina Michaëlis (Vasconcelos 1980:39), o manuscrito escrito na ilha moçambicana não seria um cancioneiro poético, uma coletânea de poemas camonianos. E nesse sentido, a *busca do cânone perdido* da lírica de Camões continuará por mais anos e através do estudo sério e académico.

A partir do título, Faria e Sousa também chegou a supor que se tratava de uma espécie de tratado teórico de literatura: *El título del libro puede dar a entender que era algún 'Arte Poético'; y siendo esto no sería sino en prosa. Sin embargo disto, pudo ser de prosa, y verso*. (Sousa 1685, tomo I, § 26. - V. também Sousa 2024:277-278, § 26, trad. Marcia Arruda Franco).

Portanto, o famoso comentador da obra camoniana, na sua 2ª 'Vida del Poeta' (1685) aceita que em termos formais o *Parnaso* contivesse ambas os modos de expressão. Nesse sentido converge Aquilino Ribeiro, para quem o manuscrito *seria uma miscelânea de prosa e verso* (Ribeiro 2024:252), pois o livro teria, a par de textos de poesia, textos de *filosofia, e outras ciências*, provavelmente em prosa. Parece ser a classificação mais acertada.

Deste modo, embora obviamente o *Parnaso* não possa ser o almejado cancioneiro da lírica do Poeta, ao incluir textos poéticos poderá ter cumprido parcialmente essa função. Foi o desaparecimento do *Parnaso* e o descuido em relação à sua obra lírica que levou *os devotos, Soropita*,

Estêvão Lopes, e Faria e Sousa (diz-nos Aquilino, 2024:252), mas muitos outros ao longo da história dos estudos camonianos, a procurar poemas de Camões em cancioneiros e coletâneas, de modo a reconstituir a obra desaparecida. Terão conseguido, em parte, pois ainda temos em mãos a problemática do *corpus* da lírica.

Mas porque é que Camões não voltou a reunir a sua obra dispersa e perdida? Como afirma Isabel Rio Novo na sua recente biografia de Camões, como criador e com ambições literárias, o Poeta *deve ter feito diligências para recuperar o 'Parnaso' que lhe fora furtado e Mesmo sem resgatar o manuscrito, Camões teria sido capaz de reconstituir essa obra, graças às cópias que conseguisse reaver a partir de cancioneiros de mão e também, sem dúvida, graças à sua memória prodigiosa*. E conclui: *O certo é que, em vez de completar ou publicar o seu 'Parnaso', ou quaisquer outras obras suas, Camões concentrou-se em ultimar 'Os Lusíadas', pois Compor um poema épico era o grande desiderato dos escritores da sua época*. (Novo 2024:451-468). Totalmente de acordo, Camões tinha plena consciência do valor da sua epopeia e do tom apologético com que enaltecia a viagem de Vasco da Gama, a História de Portugal, e os lusos. Qualquer outra obra sua — dramática, lírica ou de outro género, iria descentrar ou distrair a atenção dos leitores e dos seus compatriotas em relação à sua imagem de grande poeta épico, como o tinham sido Homero e Virgílio.

Podemos ainda acrescentar outros dois aspetos importantes. O *Parnaso* não seria *uma recolha de textos escritos desde a juventude* (como observou bem Vítor M. Aguiar e Silva, em Silva 2011:229), mas uma obra de maturidade, visto que Camões o *começou... a compor*, como informa Couto, durante a sua estadia na ilha. Por outro lado, a circunstância espacial do desaparecimento.

Como refere mestre Aquilino, da versão extensa da *Década 8.^a infere-se que o manuscrito lhe fora furtado depois que partiram de Moçambique, em viagem ou já em Portugal. Garante-no-lo esta frase: 'E nunca pude saber no Reino dele. Por muito que inquiri'. Se tivesse levado sumiço em África, era lá que deviam ter começado as buscas* (Ribeiro 2024:252).

Encontramos neste registo biográfico de Camões os ingredientes ideais para podermos efabular, entre a verdade e a ficção, qualquer narrativa sedutora e romanesca: um Poeta (*o príncipe dos poetas*), caído em desgraça existencial mas no apogeu da sua inspiração literária, encontra-se numa Ilha que é um porto de passagem de uma rota marítima (a Ilha de Moçambique); ele passa o seu tempo a limar os versos da sua magna obra tendo em vista a sua publicação no Reino, entretanto já começou a escrever um novo livro, provavelmente uma outra obra-prima. É provável que, entre outros poetastros, tenha despertado admiração e inveja, como concretizou Diogo Bernardes no seu soneto laudatório ao poeta das *Rimas*. Se o *Parnaso de Luís de Camões* desapareceu, alguém o terá furtado. Em que circunstâncias, quem e porquê — é essa história que nos conta o poeta, romancista e jornalista Carlos Morais José, a residir há largos anos em Macau.

O livro de Bernardo Vasques

O romance *O Arquivo das Confissões: Bernardo Vasques e a Inveja* (2016) tem 167 páginas repartidas por 27 breves capítulos numerados, que se leem duma assentada. E, todavia, a simplicidade da obra é apenas aparente.

Logo à entrada, na 'Advertência ao leitor', esta nota preliminar funciona também como informação ao inverso: sendo uma *história* é certamente ficção e se, por isso mesmo, não é de esperar *rigor* ou *justeza* próprios da História, a narrativa nela irá beber, tratando-se, portanto, de um romance histórico, com uma personagem como Luís de Camões, que tanto é ficcional como verdadeira, tal como como

o cenário da Ilha na costa oriental africana, o furto de um manuscrito valioso e alguns outros aspetos da viagem que era estabelecida entre o Reino e o Estado da Índia.

A natureza controversa do protagonista Bernardo Vasques e a ideia de ter existido em Macau um arquivo de confissões da comunidade são ótimos elementos ficcionais e envolvem o leitor no enredo simultaneamente fabuloso e credivelmente verdadeiro.

Complementarmente, no final da obra, Carlos Morais José regista nos 'agradecimentos' as figuras da literatura, do cinema, da história e outras áreas do saber que o terão influenciado, entre elas Helmut Schoeck, o autor de *Envy: A theory of social behaviour* (1966), que lhe proporcionará os fundamentos *científicos* para um pródigo exame da Inveja, outra protagonista da história.

Portanto, a narrativa de Carlos Morais José, para além de dialogar com a História de Portugal e a vida e a obra de Camões, configura e psico-romanceia Bernardo Vasques, desde a sua infância no núcleo familiar, passando pela comunidade académica de Coimbra e depois no grupo de viagem para a Índia, culminando em Macau.

Mas falemos do enredo e da organização da narrativa, construída em torno da leitura de um documento secreto, subtraído do Arquivo das Confissões, onde está retratada a dramática história de Bernardo Vasques, o homem que, devorado pela inveja, roubou na Ilha de Moçambique o *Parnaso*, um livro do grande poeta Luís de Camões.

O livro inicia-se no presente, com a voz de um pastor inglês anglicano que medita sobre o estado eufórico que experimenta o viajante quando *parte da sua terra e enfrenta o desconhecido* (José 2018:11); é o seu caso — finalmente *a bordo de um veleiro a caminho da China* (2018:11). Quando o barco que o transportava atracou em Singapura, onde teria de esperar dois dias por um transporte para Macau, acabou por ficar hospedado com a esposa na estalagem portuária The Peacock Inn, a qual dispunha de uma taberna espaçosa e mal frequentada no rés-do-chão. A hora é tardia, chove. Temos localizado o cenário ideal, bem ao jeito camiliano e mesmo queirosiano, para o convite à confissão das personagens, para o seu recuar ao passado e, da parte do leitor, a sensação ilusória de estar a ouvir uma história verdadeira.

Incapaz de adormecer, o pastor desce à taberna, onde um padre católico irlandês em trânsito, a troco de um copo de aguardente, lhe *contará uma história única e merecedora de atenção* (2018:27). Fica então a saber que *um pequeno grupo de jesuítas em Macau decidiu colecionar confissões e delas fazer objeto de estudo para uma melhor compreensão da mente, da alma e do espírito* (2018:29), criando então *um Arquivo de Confissões, onde os crimes, os desvios, os pecados e as lamúrias, numa palavra, uma extensiva parte da alma humana, se desvenda de forma voluntária e na sincera súplica do perdão* (2018:30), ou seja, resume-nos o padre irlandês, *uma biblioteca que contém os males do mundo* (2018:31).

Perante a *inverosímil e fascinante história* do que considerou serem *os devaneios de um alcoólico ou de um louco* (2018:32), o padre católico tenta persuadi-lo passando-lhe um documento secreto — precisamente *a confissão de Bernardo Vasques, um português que viajou para a Índia no século XVI* (2018:35). Estamos no cap. 4, assistindo a uma conversa que decorre num tempo presente, e encontraremos doravante encaixada na narrativa outra narrativa, que pertence ao tempo passado. A narrativa inicial, a do personagem-narrador que é o pastor inglês anglicano, apenas será retomada no 27º e último capítulo, após terminar o relato contido no documento.

É precisamente esse documento, que ocupa 22 capítulos da sequência narrativa (cap. 5 ao cap.26), que nos interessa, pois é a confissão de Bernardo Vasques, num tempo passado.

No cap. 5 inicia-se, pois, a voz de outra personagem. O *incipit* do mesmo é explícito: *Confissão de Bernardo Vasques, recolhida e comentada pelo Pe. Francisco Pacheco em meados de maio de 15...* (2018:36). Continuamos com um padre, mas agora um jesuíta português em Macau, que ouve e regista em confissão um extraordinário navegante português. Mas logo a partir do cap. seguinte, o 6.º, e até ao 26.º, a voz e as peripécias de vida a que assistiremos serão sempre do protagonista, Bernardo Vasques. E qual terá sido o crime que confessa? — O de ter roubado o *Parnaso* a Luís de Camões, na Ilha de Moçambique e, não lhe bastando, ter-lhe-á usurpado a própria identidade autoral desse livro.

Vivendo no tempo de Camões, zarpando na mesma rota marítima entre o Reino e o Estado da Índia, uma *nova porta que enfeitiçava a juventude* (2018:43), natural seria que ele se cruzasse com o épico ou outros literatos seus amigos. É o que acontece, mas, ao contrário de Diogo de Couto, que com ele se junta na torna-viagem para Portugal, Bernardo Vasques avista-o na viagem de ida para a Índia. Tal ocorre nos caps. 12 a 14, o furto é executado no cap. 14.

No romance de Carlos Morais José o *Parnaso* é um livro de poesia, o cancionero da lírica de Camões, o qual é furtado ao seu autor na Ilha e não no resto da viagem de regresso ao Reino ou já em Portugal; em vez de um amigo cronista, temos um inimigo poeta, uma espécie de poeta maldito, infetado pelos versos do Poeta (2018:164), que se convence a si mesmo de estar a praticar o Bem, quando afinal está a servir o Mal (2018:164). Torna-se um pecador em nome da inveja que o corrói, pois desejaria ser Ele, o inominado que é um Deus, o Absoluto em Poesia, mas que sabe ser incapaz de atingir, pois falta-lhe o talento d'Ele para ser Camões.

Bernardo Vasques é o ser humano em face do poder da Arte, o sublime de uma obra-prima, que simultaneamente o exalta e o oprime. Na impossibilidade de resumir a totalidade da experiência da leitura, tenhamos uma aproximação através de um excerto, que mostra uma das razões pelas quais o poeta Bernardo invejava o *príncipe dos poetas* a ponto de cometer um crime:

A sua obra era demasiado bela, encadeava. Como escrever depois dele? Quantos poetas vindouros não susteriam o verbo depois de lhe conhecerem os versos, por darem conta da impossibilidade de os igualar, ainda menos de os superar. O desaparecimento dos seus escritos sossegaria o futuro, manteria abertos os portões da imortalidade aos poetas a haver. Não era apenas a minha existência ameaçada: durante séculos os escritores comparar-se-iam com ele e partilhariam do mesmo desespero. Aquela obra era demasiado genial para lhe ser permitida a existência. Nós, os mortais, não aguentaríamos viver à sua sombra. Destruí-la seria um ato humanitário, uma bondade digna do grande amigo do Homem (José 2028:87).

Em *A literatura e o mal* (1957) Georges Bataille afirma que ela *est l'essentiel, ou n'est rien* (Bataille 1979:171), e se essa essencialidade também se acha vinculada ao mal é porque a literatura tem interesse como arte total, uma arte que desafia o bem convencional e a moral normativa, que confronta, pois, o mal. Todavia, ocorrendo no extremo do possível e do perigo, essa intensidade literária poderá levar as personagens à ruína. Bernardo Vasques perde-se, é um Anjo caído, um Dorian Gray (Wilde 1890), cujo retrato é uma confissão que espelha a sua degradação moral. A sua admiração extremada é quase irracional (2018:161), o seu desejo é inveja, assumindo uma dimensão trágica como em *les feux de l'envie* do teatro de Shakespeare estudado por René Girard (Girard 1990). Todavia, Helmut Schoeck em *A inveja: uma teoria social* (1966), argumenta que a inveja é um sentimento universal e inerente à condição humana, desempenhando um papel central nas dinâmicas sociais. Em *O Arquivo das Confissões* ela é a protagonista, ostentada no subtítulo da obra.

Afinal quem roubou o 'Parnaso de Luís de Camões?'

Este romance-tese, que é *O Arquivo das Confissões: Bernardo Vasques e a Inveja*, de Carlos Morais José, ficciona de forma ousada e original a perda do *Parnaso de Luís de Camões*. A sua trama é imaginada, mas também ousada — convida-nos a conhecer o lado sombrio da natureza humana, a compreender o desejo que se reveste de inveja e também de culpa. A poesia de Camões é luz, encandeia, pode fascinar e cegar, exaltar e oprimir. E Camões, o seu criador, surge ora como um Deus onipotente ora como um Fantasma obsidiante, nunca nomeado.

O mistério do desaparecimento do *Parnaso* inspirou esta narrativa contemporânea. O romance, ao refletir sobre a questão da inveja, com todas as suas implicações negativas e positivas, poderá ser a chave para a descoberta do verdadeiro *Parnaso* e do seu roubador. Para tal, será preciso pensar fora dos esquemas mentais convencionais e académicos.

Como suspeita Lima Cruz, o trecho biográfico do Poeta na *Década 8.^a da Ásia* pode ser uma 'construção' biográfica, elaborada por Couto, mais de 40 anos após o encontro em Moçambique, não sendo mais que uma das muitas reconstituições da vida de Camões, baseadas na exegese da sua produção literária e nos seus primeiros biógrafos (Cruz 2024:36).

Onde está o *Parnaso*? Que obra conhecida ou pouco conhecida de um autor da época de Camões revela afinidades com o estilo literário camoniano, com a vivência no Oriente do soldado-poeta? Alguns estudiosos estiveram perto, interrogando-se porque é que certos aspetos da vida e da obra com que se ocupavam não eram perfeitos, não encaixavam no sistema. Falta aceitar a inveja e a maldade para se poder chegar a uma eventual usurpação de identidade, como em *Os Naufrágios de Camões* de Mário Cláudio, ou chegar ao livro furtado, como na narrativa de Carlos Morais José.

Referências

- BATAILLE, George (1979) *La littérature et le mal*, Œuvres complètes, Tome IX, Paris: Gallimard.
- BERNARDES, Diogo (1596) *O Lima*, Lisboa: Simão Lopes.
- BOXER, Charles R. (1972) Camões e Diogo do Couto: irmãos em Armas e nas Letras, *Ocidente* (15 nov.), 25-37; reed. em *Opera Minora*, vol. II – Orientalismo / Orientalism, ed. Diogo Ramada Curto, Lisboa: Fundação Oriente, 2002, 57-70.
- CAMÕES, Luís de (1568-1569) *Parnaso*, manuscrito, Ilha de Moçambique.
- CAMÕES, Luís de (1985) *Autos e cartas*, pref. e notas do Prof. Hernâni Cidade, 4.^a ed., Lisboa: Livraria Sá da Costa [1.^a ed., 1946].
- CLÁUDIO, Mário (2016) *Os naufrágios de Camões*, Alfragide: D. Quixote.
- CORIEL, Maria (2008) *O livro perdido de Camões: um romance espiritual sobre as aventuras do mais famoso poeta português*, Parede: Chá das Cinco.
- CORREIA, Luis Franco (1557-1559) *Elusiadas de Luis de Camois a elRey Dom Sebastião: Canto primeiro, Cancioneiro Luis Franco Correia*, Códice 4413, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, fls. 203r-215v.
- CRUZ, Maria Augusta Lima (1994) *Diogo do Couto e a Década 8.^a da Ásia*, vol. I (Edição crítica e comentada de uma versão inédita) e vol. II (Das variantes entre as duas versões à explicação de um texto inédito. O discurso histórico), Lisboa: INCM / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- CRUZ, Maria Augusta Lima (2011) Camões e Diogo do Couto, AAVV. *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide: Caminho, 134-140.
- CRUZ, Maria Augusta Lima (2024) Na rota da 'Carreira da Índia': Camões e Couto na Ilha de Moçambique, André Teixeira, coord. *O Estado da Índia e a Costa Oriental Africana*, Lisboa: Edições Humus, 25-42.
- EÇA, Luís Almeida d' (2019) Os livros de fevereiro: [Carlos Morais José, 'O Arquivo das Confissões — Bernardo Marques e a Inveja'](#), *Agenda Cultural LX*, 05 fev.
- FARIA, Manuel Severim de (1624a) Vida de Luis de Camões, *Discursos vários políticos*, Évora: por Manuel Carvalho impressor da Universidade, fls. 88-135.
- FARIA, Manuel Severim de (1624b) Vida de Diogo do Couto, *Discursos vários políticos*, Évora: por Manuel de Carvalho impressor da Universidade, fls. 148-157.

- FARIA, Manuel Severim de (2024) Vida de Luís de Camões (1624). *Vidas de Camões no século XVII: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Faria e Sousa e João Franco Barreto*, ed., introd., trad. e notas de Marcia Arruda Franco; com colaboração de Gustavo Borghi, São Paulo: Madamu, 92-167.
- FERREIRA, Ana Filipa Gomes (2011) Bernardes, Diogo, AAVV. *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, 67-71.
- FERRO, Manuel (2015) Desprezadas e omitidas, as estâncias excluídas nas edições d'Os Lusíadas, *Estudos Portugueses* 1-1, Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, Pernambuco: ed. Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 13-60.
- GIRARD, René (1990) *Shakespeare: les feux de l'envie*, Paris: Grasset.
- GRAVE, João (1918) Para a história da literatura quinhentista: um soneto inédito de Camões?, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. 11 (1916-1917), 1041-1048, sob o mesmo título: Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HUE, Sheila Moura (2009) [Em busca do cânone perdido. Manuscritos e impressos quinhentistas: das variantes textuais e das atribuições autorais](#), *Revista Eletrônica de Estudos Literários* 5, ano 5 Vitória.
- HUE, Sheila Moura (2011) Rhythmas de Luís de Camões (1595), AAVV. *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, 857-866.
- JOSÉ, Carlos Morais (2016) *O arquivo das confissões, Bernardo Vasques e a Inveja*, Macau: Livros do Oriente, 2.a ed. Macau: Livros do Oriente, 2018.
- JOSÉ, Carlos Morais (2019) *The Archive of Confessions: Bernardo Vasques and Envy*, trad. David Brookshaw, Macao: Praia Grande Edições.
- JOSÉ, Carlos Morais (2024) [Carlos Morais José](#), mensagem no perfil do autor no Facebook.
- MARTINS, António Coimbra (1971) *Sobre as Décadas que Diogo do Couto deixou inéditas*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, «Arquivos do Centro Cultural Português» 3, 272-355.
- MARTINS, Guilherme d'Oliveira (2017) ['Os Naufrágios de Camões' de Mário Cláudio](#), *e-cultura.pt*, A vida dos livros, de 18 a 24 de set.
- MORGADO, João (2018) *O livro do império*, Lisboa: Clube do Autor, 2.ª ed., 2024.
- NOVO, Isabel Rio (2024) *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte: biografia de Luís de Camões*, Lisboa: Contraponto.
- RIBEIRO, Aquilino (2024) *Luís de Camões: fabuloso, verdadeiro*, Lisboa: Bertrand.
- RIBEIRO, Eduardo (2025) Camões e Couto, o encontro histórico na torna-viagem para o reino, *Orpheu Paredes*, Revista Cultural (2025), Paredes: Câmara Municipal, 14-18.
- SAAVEDRA, Felipe de (2025) [A poesia e os astros em Camões](#), Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões*, Macau 24-25 de fevereiro de 2024, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 31-56.
- SARAMAGO, José (1980) *Que farei com este livro? teatro*. – Posfácio de Luiz Francisco Rebello, Lisboa: Caminho, 2.ª ed., 1988, 3.ª ed. Porto: Porto Editora, 2015.
- SCHOECK, Helmut (2010) *Envy: A theory of social behaviour*, Indianapolis: Liberty Fund, Inc.; (1966) orig. alemão sob o título *Der Neid. Eine Theorie der Gesellschaft*, Freiburg/München: Verlag Karl Alber; (1969) trad. inglesa, New York: Harcourt, Brace & World, 1969.
- SILVA, Vítor M. Aguiar e (2011) O cânone das rimas, *Dicionário de Luís de Camões*, coord. Vítor Aguiar e Silva, Lisboa: Editorial Caminho, 228-241.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1639) *Lusíadas de Luís de Camões... Comentados por Manuel de Faria e Sousa*, 4 tomos em 2 vol., Madrid: Por Juan Sanchez.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1685) Vida del poeta, *Rimas varias de Luis de Camoens...*, tomo I, Lisboa: Imprensa de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real. Ver tomo I, § 26.
- SOUSA, Manuel de Faria e (2024) Vida do Poeta (1685) [Rimas várias... comentadas', 1685]. *Vidas de Camões no século XVII: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Faria e Sousa e João Franco Barreto*, ed., introd., trad. e notas de Marcia Arruda Franco, com colaboração de Gustavo Borghi, São Paulo: Madamu, 258-290.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1980) *Estudos camonianos: I O cancionero Fernandes Tomás; II O cancionero do P. Pedro*, Lisboa: INCM.
- WILDE, Oscar (1890) The Picture of Dorian Gray, *Lippincott's Monthly Magazine*, jul.